

Thomaz Kawauche

Educação e Filosofia no
Emílio de Rousseau

EDITORA UNIFESP



Sumário

Lista de Figuras	15
Prefácio	17
Introdução.....	23
<i>Olhar Crítico sobre o Corpo Infantil</i>	29
<i>A História Sexual da Criança</i>	34
<i>O Silêncio do Pudor e os Dispositivos de Sexualidade</i>	40
<i>Ordem da Infância: Da Inocência aos Fundamentos da Sociedade</i>	47
1. Uma Planta Que Fala: O Bebê	53
<i>Educação e Cultivo de Crianças</i>	57
<i>A Primeira Fase da Infância: Zero a Dois Anos</i>	59
<i>Educação segundo a Natureza e Desnaturação</i>	62
<i>Desnaturação como Remédio</i>	70
<i>Sociedade e Educação</i>	78
<i>Considerações sobre o Bebê</i>	83
2. Realidades Imaginárias: A Criança.....	85
<i>Entre Liberdade e Necessidade: Dois a Doze Anos</i>	86
<i>Entre o Real e o Imaginário: Os Limites da Felicidade</i>	87
<i>Criança enquanto Criança ou Adulto Imperfeito?</i>	90
<i>Amor, Apego e Opinião</i>	94
<i>Realidade e Imaginação: Educação dos Sentidos</i>	98
<i>Felicidade Aqui e Agora</i>	106

3. Como Agarrar Aquilo Que Não Existe?: Idade da Inteligência	111
<i>Primeiros Objetos Morais</i>	112
<i>Conhecimentos Úteis para a Vida: O Ateliê de Marcenaria</i>	116
<i>Robinson Crusôé e a Estima Pública</i>	123
<i>O Conflito entre Ricos e Pobres</i>	126
<i>Os Juízos Enganosos</i>	128
<i>Julgar sem Razão: A Estima como Embrião do Juízo Moral</i>	131
<i>Ciência da Infância e Materialismo</i>	135
<i>Cenas de um Teatro Pedagógico</i>	137
4. Tempestuosa Revolução: Nasce o Adolescente.....	141
<i>O Parto do Segundo Nascimento</i>	142
<i>Ganhos e Perdas: O Equilíbrio Fugidio</i>	149
<i>Amor de Si e Piedade Natural</i>	151
<i>Sufrimento, Amor-Próprio e Sociabilidade</i>	153
<i>Justiça e Ordem das Paixões</i>	158
<i>O Remédio da Amizade e os Exemplos da História Antiga</i>	161
5. Ordenar as Paixões: Do Amor de Si ao Amor-Próprio	167
<i>As Verdadeiras Relações</i>	168
<i>De Ator a Espectador</i>	169
<i>Amor-Próprio e Reconhecimento: A Amizade</i>	172
<i>O Ensino da História: Exemplos Distantes</i>	175
<i>Os Historiadores entre a Moral e a Política</i>	177
<i>Ser Livre de Fato e de Direito</i>	182
<i>A Educação pelo Romance</i>	183
6. Moral e Religião: O Adolescente entre Deus e a Razão.....	187
<i>O Que é a Religião Natural?</i>	188
<i>Eu e Deus</i>	191
<i>A Consciência e o “Sistema Moral”</i>	193
<i>Crítica às Religiões Reveladas</i>	196
<i>A Beleza das Escrituras</i>	199
<i>Tolerância, Sim, exceto para o Intolerante</i>	202
<i>A Vida Civil e as Incertezas Íntimas</i>	204

7. Rumo à Sociedade: Final da Adolescência	209
<i>O Real Interesse em Ser Bom</i>	209
<i>A Linguagem Indireta das Paixões</i>	212
<i>O Bom Gosto de Não Querer Ser Rico: Uma Questão de Volúpia</i>	215
<i>Sofia: O Desafio da Mulher</i>	217
<i>Telêmaco e a República de Meninas</i>	223
<i>A Viagem de Emílio, as Instituições Políticas e o Casamento</i>	226
8. Emílio e a Civilidade	231
<i>Civilidade Infantil</i>	232
<i>Civil e Polido São Sinônimos?</i>	236
<i>Um Amável Estrangeiro</i>	239
<i>“Emílio Não Será como Todo Mundo”</i>	245
9. <i>Mens Sana in Corpore Sano</i> : Sobre a Razão das Crianças.....	249
<i>O Honnête Homme e a República</i>	250
<i>Algumas Fontes: Fleury, Rollin, Crousaz</i>	253
<i>Montaigne e a Formação do Gentilhomme</i>	256
<i>Raciocinar com as Crianças: Locke</i>	259
<i>Cultivar a Inteligência e as Paixões</i>	262
10. A Invenção de Rousseau.....	269
<i>O Paradigma Newtoniano das Ciências</i>	272
<i>Revolução Médica Concernente à Infância</i>	277
<i>A Revolução da Ciência da Educação de Rousseau</i>	286
<i>O Médico e o Educador como Auxiliares da Natureza</i>	293
<i>Como Inventar o Mundo Real</i>	298
11. No Fim, o Começo: Método e Conveniência.....	301
Apêndice 1 – Puericultura e Vinicultura.....	311
Apêndice 2 – O Nome de Emílio, ou <i>Le Nom-du-Fils</i>	313
Bibliografia.....	317
Índice Onomástico	329

Lista de Figuras

Figura 1: “Tétis mergulhando seu filho no Estige para torná-lo invulnerável”, de Charles Eisen. Gravura do frontispício de <i>Émile, ou De l'éducation</i> , edição de 1762. Fonte: Bibliothèque Nationale de France, Paris	24
Figura 2: Ilustração do sexto livro de <i>Le Grand propriétaire des choses</i> , edição de 1486. Fonte: The Internet Archive	36
Figura 3: Ilustração do sexto livro de <i>Le Grand propriétaire des choses</i> , edição de 1556. Fonte: The Internet Archive	37
Figura 4: Página de rosto de <i>Onania</i> , edição de 1776. Fonte: Wellcome Library, Londres	42
Figura 5: Gravura de J.-M. Moreau e J.-J. Lebarbier para as <i>Œuvres de J.-J. Rousseau</i> , edição de 1774-1783. Fonte: Bibliothèque Nationale de France, Paris	118
Figura 6: Representações do feto segundo Eucharius Rösslin em <i>The Birth of Mankind</i> , edição de 1565. Fonte: Wellcome Library, Londres	145
Figura 7: O feto no útero segundo Leonardo da Vinci, 1510-1513. Fonte: Wikimedia Commons.....	146
Figura 8: Representações do feto no útero segundo François Mauriceau, em <i>Les Maladies des femmes grosses et accouchées</i> , edição de 1668. Fonte: Bibliothèque Nationale de France, Paris.....	148
Figura 9: Página de rosto e ilustração de <i>L'Orthopédie</i> , edição de 1743. Fonte: Bibliothèque Nationale de France, Paris.....	281

- Figura 10: Giovanni “Il Guercino” Barbieri (1591-1666), *O Amor Desinteressado* (1654). Fonte: Wikimedia Commons/Museo del Prado, Madrid..... 283
- Figura 11: Berlinghiero Berlinghieri (1175-1236), *Madona e Seu Filho* (1230).
Fonte: Wikimedia Commons/Metropolitan Museum of Art, Nova York.....284
- Figura 12: Elisabeth Louise Vigée Le Brun (1755-1842), *Autorretrato com Sua Filha Julie* (1786). Fonte: Wikimedia Commons/Musée du Louvre, Paris 285

EDITORA UNIFESP

Prefácio

Este livro surgiu em resposta a uma carência: a falta de bibliografia acessível no Brasil que ofereça aos alunos dos cursos de Filosofia e Pedagogia uma visão de conjunto do tratado de educação de Rousseau. Apresento um comentário expositivo da obra *Emílio, ou Da Educação* (1762) considerando, em seu contexto, dois grandes movimentos de ideias na história da Europa moderna: primeiro, a difusão dos manuais de civildade para educação de crianças, fenômeno que se inicia com o *De Civilitate Morum Puerilium* (1530), de Erasmo, e chega a um alto nível de reconhecimento com *Alguns Pensamentos sobre a Educação* (1693), de John Locke; segundo, a moda da aplicação do método experimental às chamadas ciências do homem, com particular atenção para as novidades trazidas pelos textos de medicina a respeito dos cuidados com a saúde da criança.

Em linhas gerais, procuro descrever a doutrina pedagógica de Rousseau compreendendo-a no âmbito de certas mudanças na estrutura de mentalidades, as quais, no quadro das ciências da época, favoreceram as condições necessárias para o advento de novos olhares em relação ao corpo infantil. Tal perspectiva, conjugada à leitura interna das cinco partes do *Emílio*, pressupõe a inseparabilidade dos saberes de pedagogos e filósofos na constituição da criança enquanto objeto de discursos.

Os capítulos 1 a 3 acompanham a ordem das matérias até o terceiro livro de *Emílio*: “Uma Planta Que Fala” (livro I), “Realidades Imaginárias” (livro II), “Como Agarrar Aquilo Que Não Existe?” (livro III). O momento da educação moral, que corresponde ao quarto livro, é tratado nos capítulos 4 a 6, cada um deles enfatizando um aspecto notável do texto: o segundo nascimento em “Tempestuosa Revolução”, a relação entre amor de si e amor-próprio em “Ordenar as Paixões”, o

problema da religião natural na *Profissão de Fé do Vigário Saboiano* em “Moral e Religião”, respectivamente.

O capítulo 7, “Rumo à Sociedade”, resume a parte romanesca de *Emílio*, que começa no final do livro IV (há ali diversas lições sobre os homens como são, passando por temas como bom gosto e crítica ao luxo, até chegar à lição sobre as mulheres) e termina na exposição dos dois grandes momentos do livro V, a saber, a viagem (antecedida pela lição de política) e o casamento (com a longa reflexão acerca de Sofia). Os capítulos 8 a 10 são temáticos: “Emílio e a Civilidade” compreende as ideias de Rousseau sobre educação no que diz respeito à palavra “civilização” em língua francesa; “*Mens Sana in Corpore Sano*” examina o essencial das fontes de *Emílio*, com destaque para autores ligados à tradição humanista; “A Invenção de Rousseau” procura situar o trabalho de elaboração conceitual de *Emílio* no imbricamento de duas tradições, a da pedagogia de jovens fidalgos e a dos manuais de medicina sobre doenças em crianças.

O Prefácio é examinado no capítulo de Conclusão, “No Fim, o Começo”, pois o que escrevo ali só faz sentido após todo o percurso dos capítulos anteriores. Para dar coerência teórica a essa aventura junto com o aluno imaginário de Rousseau, o método que adotei para elaborar meus comentários foi uma combinação de análise de textos filosóficos e estudo histórico das mentalidades.

Muito embora este livro possa parecer, à primeira vista, um comentário do *Emílio* com pretensões abrangentes, o fato é que alguns pontos são deliberadamente tratados com brevidade – é o caso do problema da economia política no livro III e da teoria da consciência no livro IV –, porque exigiriam análise filosófica aprofundada, incluindo exposição de obras de outros filósofos. Também não menciono as aplicações contemporâneas do *Emílio*, como nas chamadas “escolas democráticas”, pois teríamos de entrar no debate sobre a ideia de liberdade como autonomia, que norteia não só o *Emílio*, mas também o pensamento político de Rousseau enquanto sistema filosófico. De todo modo, indico nas notas bibliográficas algumas referências que, academicamente falando, trazem análises históricas e conceituais relevantes.

Convém deixar claro que, de acordo com as fontes aqui consultadas, minha intenção neste livro é tão somente lançar luzes sobre a relação entre a ideia de criança no *Emílio* e os novos sentimentos acerca da infância que surgem na passagem do século XVII para o XVIII. Fiz isso não por mero capricho historiográfico, nem por academicismo especializado e despreocupado com questões do presente, mas porque considero realmente útil tal recorte contextual: parece-me que ele nos

permite compreender, à luz do “estado de natureza” da educação infantil, a recepção das ideias pedagógicas de Rousseau nos séculos xx e xxi. A polêmica escola inglesa Summerhill, por exemplo, constitui um forte indício de que os princípios expostos em *Emílio* não se limitam aos círculos rousseauianos, mas podem ser vistos como cultura pedagógica amplamente difundida – ao menos é o que sugerem as palavras confessionais de Alexander Neill sobre Rousseau¹.

O essencial do conteúdo deste livro foi extraído do curso de extensão universitária “Introdução ao *Emílio* de J.-J. Rousseau”, que ministrei na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP) durante o segundo semestre de 2016. Sou grato a todas e todos que participaram daqueles encontros. Em especial, menciono Maria das Graças de Souza e Maria de Fátima Simões Francisco por apoiarem a realização do curso. Ao Pedro Paulo Pimenta, da USP, minha gratidão pela ajuda com a fisiologia do século xviii. Claudio Reis, da Universidade de Brasília, chamou minha atenção para aspectos gerais de *Emílio* que me fizeram rever alguns pontos-chave de meu comentário. Menciono ainda os colegas Thiago Vargas, Mauro Dela Bandera, Luiz Henrique Monzani, Eduardo Tommasini, Ciro Lourenço e André Lucena pelo incentivo e pelas preciosas sugestões.

Posteriormente ao curso, fui agraciado pelas discussões acadêmicas com Catherine Barros, Fabiana Tamizari, Marina Salles, Natália Giopato, Paulo Ferreira e Terezinha Duarte, que me inspiraram em mudanças significativas no texto. Às queridas amigas Karen Shiratori e Ellen Elsie sou grato por terem me ajudado a perceber o lugar exato do modelo vegetal na pedagogia do *Emílio*.

Cheguei à atual estrutura dos capítulos durante meu estágio de pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), de fevereiro de 2017 a janeiro de 2019, e agradeço a Luís Fernandes dos Santos Nascimento (o supervisor de minha pesquisa) e Luiz Damon Santos Moutinho (o coordenador da pós-graduação) por me permitirem cuidar deste trabalho especial concomitantemente às atividades ordinárias de pesquisa e docência.

O lançamento deste livro fez parte de minhas atividades como professor visitante na Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Para meu contentamento,

1. “Tenho sido frequentemente chamado de seguidor de Rousseau, mas só fui ler *Emílio* cinquenta anos após abrir Summerhill. Descobrir que duzentos anos atrás um homem escreveu em teoria aquilo que venho praticando na ignorância de suas ideias fez com que eu me sentisse muito humilde” (*apud* R. Bailey, A. S. Neill, p. 115).

em 2019, Cynthia Sarti acolheu formalmente este trabalho na Editora Unifesp, e, por isso, naquele ano fiz mais algumas emendas, além de atualizar as referências bibliográficas. Caroline Saraiva, Fabio Kato, Francisco Santos e Marcus Lamagna cuidaram do processo editorial com diligência e, à maneira dos alquimistas, transmutaram a matéria vil de meus originais em algo nobre. Não posso deixar de mencionar o apoio institucional que recebi de Sílvio Rosa Filho, coordenador do Laboratório de Estudos de Linguagem e Práticas de Tradução (LELPRAT), órgão do Departamento de Filosofia da Unifesp.

Antes de chegar a esse estágio do trabalho, porém, confesso: houve momentos em que achei improvável a publicação deste material devido à conjuntura desfavorável do ponto de vista econômico em que se encontram as editoras brasileiras. Daí a relevância dos incentivos de Carlota Boto, na USP, e de Jacira de Freitas, na Unifesp: a ambas expresso minha profunda gratidão. A versão do texto que entreguei à Editora Unifesp passou pela revisão cuidadosa de minha querida amiga Silvia Carvalho de Almeida. Por fim, quanto à ajuda extra-acadêmica que somente um pai poderia oferecer, registro aqui meu eterno reconhecimento a Tomaz de Aquino Kawauche, “verdadeiro preceptor”.

Thomaz Kawauche

São Carlos, 29 de fevereiro de 2020

* * *

Nota sobre a imagem da capa: “*Vinca minor L.*, Pervenche mineure”, em *Choix de plantes de l’Europe centrale et particulièrement de la Suisse et de la Savoie*, vol. 2, Genebra, F. Richard, 1878, p. 293.

A pervinca (*Vinca minor L.*) ilustra a ideia de educação em *Emílio* na perspectiva do modelo vegetal: o nome da planta vem do latim *vincere*, vencer, o que é bem significativo quando lembramos que suas folhas permanecem verdes até mesmo durante o inverno; a analogia com o corpo robusto do aluno que resiste às diversas intempéries é imediata. Entretanto, *Vinca* também deriva de *vincire*, isto é, ligar, prender, unir, em todos os casos com a ideia de vínculo, o que não deixa de dar sentido à receita mágica encontrada no *Livro dos Segredos de Alberto Magno* (obra de medicina popular do século XVI), que indica a *semperviva* (ou, em inglês, *periwinkle*) como ingrediente para fortalecer o amor entre os casais; nesses termos, a semelhança se verifica com a educação moral de Emílio, pois este deve desenvolver “sentimentos de sociabilidade” com intuito de estabelecer vínculos com as pessoas. Assim, a imagem da pervinca parece mais interessante uma vez que, aludindo à criança em *Emílio*, combina o aspecto físico da sobrevivência e o aspecto moral das relações humanas, estando a diferença entre os dois pontos de vista marcada por um simples fonema. Vale lembrar ainda que a pervinca é um signo memorativo para nosso autor: no livro VI das *Confissões*, quando relata um passeio em 1764, é o encontro fortuito com esse espécime vegetal que faz Rousseau recuar trinta anos e lembrar-se da época feliz em que herborizava com sua protetora e educadora, Madame de Warens. Para os leitores do século XXI, mais do que uma prova do interesse de Rousseau pela botânica, a comparação da criança a uma planta (ver o livro I de *Emílio*) é um signo memorativo da educação que encontra raízes nas virtudes da pequena pervinca.